

BARÃO DO RIO BRANCO – FAE

Professores continuam sem receber salários e verbas rescisórias

Nos últimos anos, a escola Barão do Rio Branco e a Faculdade Anglicana de Erechim passaram a não cumprir com as obrigações contratuais assumidas com seus professores e funcionários, sob a justificativa de crise administrativa e financeira. Dentre as quais o pagamento dos salários em dia, do 13º salário, das férias, do FGTS e das verbas rescisórias.

Após infrutíferos Acordos não cumpridos com as instituições e sua mantenedora, a Legião da Cruz de Erechim, o Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (Sinpro/RS) ajuizou ações coletivas visando resguardar os direitos trabalhistas dos professores.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – Diocese Sul Ocidental decidiu, então, a fim de evitar a execução de créditos trabalhistas contra a mantenedora, se somar às negociações de acordo judicial e ofertou bem imóvel para garantia do pagamento das verbas trabalhistas.

Resultado de diversas medidas de gestão que não tiveram efeito, as instituições de ensino e sua mantenedora comunicaram, no dia 31 de janeiro, o encerramento de suas atividades. Assim, mais um problema surgiu: desligaram professores sem pagar as verbas rescisórias, fato que levou o Sinpro/RS a ajuizar mais uma ação coletiva na Justiça do Trabalho.

A indicação de leilão do prédio dado como garantia pela Igreja Episcopal Anglicana para o pagamento dos créditos trabalhistas foi suspenso pela Justiça, porque o Sicredi propôs embargo para que os recursos da venda sejam primeiramente destinados a liquidar o seu saldo devedor de dívida.

O que parece ser apenas uma discussão técnico-jurídica vai muito além e tem impacto social profundo nos professores, que permanecem numa situação de penúria, muitos dos quais sobrevivendo com verbas do seguro-desemprego.

Cobramos uma postura responsável da Igreja Anglicana e seus bispos para que não abandonem aqueles que construíram com seu suor o nome das instituições e a qualidade do ensino ofertado por décadas à comunidade de Erechim, e que agora clamam pelos seus direitos trabalhistas.